

Júlio Antônio Moreira Gomes
Universidade do Vale do Sapucaí/UNIVAS

OS RECURSOS DO AMBIENTE FAMILIAR E A INFLUÊNCIA NO RENDIMENTO ACADÊMICO

Resumo

O núcleo familiar é de uma importância vital ao desenvolvimento da criança, é o primeiro ambiente que esta se insere com suas relações a serem estabelecidas como protótipo para as relações do mundo. Contudo, relatos teóricos elucidam que o ambiente familiar pode ser uma rica fonte de recursos para um desenvolvimento saudável, atuando como arcabouço de proteção para a criança lidar com as suas dificuldades. Dessa forma, cada vez mais, estudos experimentais têm concentrado no estudo do ambiente familiar relacionado a aspectos da vida escolar da criança. Portanto, nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar os recursos materiais e humanos do ambiente familiar e verificar se ocorre alguma interferência no desempenho acadêmico. Para tanto esta pesquisa se baseou em uma densa pesquisa bibliográfica, com a finalidade de levantar informações já produzidas por autores renomados da área educacional. Como resultado da pesquisa, pôde concluir que o presente trabalho evidencia uma nítida relação entre os recursos do ambiente familiar e o desempenho acadêmico, possibilitando, assim, o conhecimento de novos elementos para se pensar a ligação entre o ambiente familiar e o aprendizado da criança.

Palavras-chave: Ambiente familiar; Desempenho acadêmico; Envolvimento parental.

Introdução

Para que haja desenvolvimento cognitivo, é necessária a combinação de experiências de aprendizagem ativa, com um contexto social em que o estilo de interação e relacionamento promova a autoconfiança. Um ambiente estimulante em casa pode produzir alunos mais adaptados e dispostos à aprendizagem, melhorando seu desempenho acadêmico. A sociedade, em especial as famílias, é influenciada pelas transformações sociais, culturais e financeiras. Essas mudanças têm sido realçadas em função das novas concepções do formato familiar, bem como as ligações, interações e relacionamentos entre os indivíduos ou membros da família (SMITH; STRICK, 2012).

Segundo Erikson (1987 *apud* GUIDETTI, 2007), nas mais diversas culturas as crianças, que se encontram na faixa etária de 6 a 12 anos, passam por algum tipo de processo de aprendizagem e ensino. Sendo essa fase na qual as crianças querem agregar conhecimento e ganhar reconhecimento social, se preparando para fazer parte do mundo adulto. O autor salienta que na nossa cultura esta faixa etária, é especialmente importante, pois é a fase em que ocorre a saída da criança do lar e a entrada no ambiente escolar, exatamente, onde se espera que venha ganhar reconhecimento pelo seu desempenho acadêmico e pelo aguardado, sucesso na aprendizagem e nas relações que se formarão nesse ambiente. Desta maneira, é nesta fase que o sucesso acadêmico é destacado e virá da capacidade de aprender a ler e escrever, de desenvolver o raciocínio lógico, habilidades variadas e de aprender a reproduzir comportamentos e atitudes aceitas pela sociedade.

Os pais e a família têm um papel importante na aprendizagem escolar das crianças. A partir dos anos 50 do século passado, observou-se um aumento de interesse dos pesquisadores em investigar influências da família na aprendizagem escolar. A pesquisa nesse campo começou focalizando variáveis como o nível socioeconômico, porém foi a partir da década de 1960 que os estudos ganharam impulso, quando se passou a investigar a influência de processos da vida familiar sobre o desempenho das crianças na escola (MARTURANO, 2006).

Dentre os vários aspectos do ambiente familiar que proporcionam o relacionamento com a vida escolar infantil, especificamente com o desempenho acadêmico, destacam-se os recursos humanos e os recursos materiais. Os recursos humanos do

ambiente familiar referem-se ao envolvimento e participação dos pais à vida escolar de seus filhos; a organização e a supervisão dos pais nas rotinas infantis; e as chances de interação com os pais. Por sua vez, recursos materiais são os recursos financeiros disponíveis no lar que viabilizam o acesso a livros, revistas, brinquedos e outros materiais promotores do desenvolvimento infantil, além de possibilitar maior acesso a atividades culturais e de lazer (GUIDETTI, 2007).

Diante dessas considerações sobre a importância do ambiente familiar em relação ao desempenho acadêmico, este trabalho se propõe a investigar a possível relação entre essas variáveis. Para isso a metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi o método de pesquisa exploratória, com a finalidade de proporcionar maior familiaridade com o tema em questão. O levantamento de dados relevantes à pesquisa foi elaborado através de bibliografias, ou seja, a partir de material já elaborado.

Espera-se, com a realização deste trabalho, contribuir para que novos elementos de discussão sejam introduzidos neste cenário, a fim de delinear, em função da importância atribuída à família, os meios específicos de sua relação com o desenvolvimento acadêmico e intelectual das crianças.

Revisão da literatura

Ambiente familiar

A sociedade está firmada num pilar básico na estrutura do indivíduo, chamado família, constituindo-se como um contexto primário e fundamental na socialização. Na família, os indivíduos de diferentes gerações interagem e se influenciam mutuamente, em função do seu

próprio nível de desenvolvimento e das suas características pessoais (BAIÃO, 2008).

O propósito da família é o de prover um ambiente propício para atender às necessidades básicas de seus membros, no tocante à sobrevivência, tais como segurança e alimentação. Já no que tange ao desenvolvimento, a família deverá proporcionar condições mínimas de desenvolvimento afetivo, cognitivo e social e também o sentimento de ser aceito, cuidado e amado. A família é muito importante, pois é nela que se tem a prévia das interações sociais (MACEDO, 1994).

As obrigações da família podem ser conferidas em dois fragmentos retirados do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), nos seus artigos 4º e 19º, conforme a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, como segue:

Art. 4º ECA: É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Art. 19º ECA: Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes (BRASIL, 1990, p. 1).

Gallart (2007) destaca quatro funções ou responsabilidades relacionadas com a criança a serem praticadas pelas famílias: a primeira seria que as famílias devem oferecer cuidados e proteção às crianças, garantindo-lhes a subsistência mínima e em condições dignas. A segunda função seria que as famílias devem contribuir para a socialização dos filhos em relação aos valores socialmente constituídos. A terceira função destaca que as famílias deverão monitorar a evolução

das crianças dando suporte, controlando-as e ajudando-as no processo de escolarização e de instrução crescentes e contínuas em outros âmbitos, cenários e instituições sociais. Por último, a quarta função, consiste na ajuda e no apoio que proporcionam às crianças para serem pessoas equilibradas emocionalmente, sendo capazes de estabelecer vínculos afetivos satisfatórios e respeitosos com os outros e com a própria identidade.

A socialização da criança inicia-se, rotineiramente, no dia a dia do relacionamento familiar, por meio das práticas desenvolvidas nesse ambiente, com intuito de repassar os hábitos corriqueiros, crenças, conhecimentos, e o mais importante, os valores. Acredita-se que elas serão de grande valia e úteis, para a finalidade de incluir os filhos na sociedade. Essas práticas, geralmente, são aprendidas ou reconhecidas por intermédio da imitação e a criança tende a aprender com as atitudes, as situações vividas pelos pais, que se repetem cotidianamente nos lares (SZYMANSKI, 2004).

Dentro de qualquer sociedade, cada indivíduo tem importância e influência únicas no cotidiano social. Sendo a família uma sociedade em menor escala, percebem-se as modificações que as ações tomadas por cada um dos membros causam no convívio familiar, como um sistema que tem todos os seus membros interligados. Mesmo quando há conflito de interesses ou grandes obstáculos, ela continua a ser a principal referência de seus membros como apoio afetivo e emotivo. Todavia, para avançar e garantir o bem-estar dos seus membros terá que adaptar-se às novas circunstâncias do tipo: nascimento de um filho, perda de emprego de um dos membros do casal e ausência prolongada de um dos progenitores, transformando algumas das suas

pautas sem deixar, por isto, de constituir-se como um referente para os seus componentes (GALLART, 2007).

Historicamente, encontra-se a estrutura familiar formada por um pai, preocupado, de forma geral, em suprir as necessidades do grupo. Para a mãe, era atribuída a responsabilidade de cuidar da casa e zelar pela educação dos filhos. Essa estrutura familiar durou muito tempo. Todavia, nos últimos tempos, observa-se que a mãe saiu para o mercado de trabalho, sem deixar de exercer o papel de mãe e sem que o pai tenha assumido os afazeres domésticos deixados por ela, com isto os filhos passam uma boa parte da sua infância no ambiente escolar (CASARIN, 2007).

No entanto, Kaloustian (1988) sugere que a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos compete à família, independentemente da estrutura familiar ou da forma como ela vem se estruturando. A construção dos laços afetivos e a satisfação das necessidades no desenvolvimento dos filhos são propiciadas pela família, que desempenha um papel decisivo na socialização e educação. Reconhece na família o ambiente onde são absorvidos os primeiros saberes, e provável fonte de aprofundamento dos laços de solidariedade.

Em síntese, a família é influenciada pelas transformações sociais, culturais e financeiras. Em função disso, os pais ou responsáveis vão se adaptando em sua maneira de estabelecer as interações e relacionamentos entre seus membros.

Práticas educativas parentais

De acordo com Guidetti *et al.* (2011), os pais adotam diferentes condutas na criação de seus filhos, que dependem em grande parte de

suas crenças sobre o desenvolvimento e sobre as qualidades que eles consideram as mais importantes para as crianças adquirirem. Essas condutas adotadas pelos pais são chamadas de práticas parentais, que são determinadas pelo estilo que utilizam na educação dos filhos.

Baião (2008) destaca que, dentre as múltiplas e importantes funções desempenhadas pela família, encontra-se como principal o processo de parentalidade, por meio do qual, os pais, enquanto principais educadores da criança, influenciam a sua aprendizagem. A parentalidade é um conjunto de ações principais das figuras parentais, identificadas nos pais ou substitutos, junto aos seus filhos, no sentido de fomentar o seu desenvolvimento da maneira mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõem no meio da família e fora dela, na comunidade.

Gallart (2007) avalia que na ótica da família, as aprendizagens são realizadas no seio das atividades cotidianas, nas experiências que as crianças participam, que são fortemente sentidas pelas emoções. Dessa forma, o que se constrói ou forja não é só um mero conjunto de conhecimentos sobre o mundo ou do acesso a ele, mas uma representação das características dos outros como: afetuosos, ameaçadores, confiáveis, desconfiados, distantes, respeitosos *etc.* Já sobre a sua pessoa, as características observadas seriam, por exemplo: enlouquecido, esperto, pesado, simpático *etc.* A autora conclui que, por intermédio dessas experiências e em conjunto com outras se tornam sujeitos únicos e irrepetíveis no meio dos grupos sociais ou familiares nos quais são integrantes.

Szymanski (2010) descreve o papel da família como sendo acolhedora, oferecendo à criança um ambiente amoroso, tranquilo e principalmente estável. Todavia, a autora afirma que, infelizmente,

muitas dessas famílias não sustentam um relacionamento, no mínimo, harmonioso, pois, é por questões de cunho social ou econômico, torna-se algo difícil a ser alcançado. Sendo assim, grifa a autora, que as escolas, observando esse universo desfavorável à criança, devem criar um ambiente diferenciado, auxiliando-as a sair do ambiente adverso e ajudando-as a criar uma rede de relações que possibilitem uma vida com relacionamentos amorosos, estáveis e dignos, afetando as práticas educativas parentais.

Segundo Baião (2008), o comportamento parental pode ser sistematizado em cinco funções importantes: a primeira é a satisfação das necessidades básicas e elementares da sobrevivência e saúde, como a higiene, a alimentação, o sono saudável; a segunda função se baseia em disponibilizar à criança um mundo físico organizado e previsível, com espaços, objetos e tempos que possibilitem uma rotina, tal como as horas de deitar e os dias de escola; a terceira função se relaciona com a resposta às necessidades de compreensão cognitiva da realidade extra-familiar; a quarta função consiste em satisfazer as necessidades de afeto, de confiança e de segurança, que se traduzem pela construção de laços vinculativos; por último, a quinta função resulta das necessidades de interação social da criança e a sua integração na sociedade.

Os pais ou responsáveis desempenham outros papéis importantes na formação da criança como: o de principais parceiros de interação, colocando-se como exemplos com as suas vivências cotidianas. Eles assumem, ainda, o papel de criadores de oportunidades de estímulos e aprendizagem na visão extra-familiar, destacando-se a vivência diária da criança e a elaboração de circunstâncias que possibilitem à criança se reunir a grupos. Com isso, as relações afetivas

entre os pais e filhos, incluindo o comportamento parental, ocupa um papel importante no cenário da compreensão da criança (BAIÃO, 2008).

Os pais tornam-se, assim, os responsáveis pelos êxitos e fracassos nos ambientes escolares ou profissionais dos filhos, tomando para si a tarefa de instalá-los da melhor forma possível na sociedade. Para isso, mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar – o qual, por sua vez, ganha importância crescente como instância de legitimação individual e de definição dos destinos ocupacionais (NOGUEIRA, 2006).

Quanto às práticas parentais educativas, Guidetti *et al.* (2011) apontam para a existência de quatro estilos parentais, a saber: autoritário, democrático, permissivo e negligente. Pais autoritários são os que têm por característica altos níveis de controle e exigências de amadurecimento e pouca comunicação e afeto explícito. Os pais democráticos são caracterizados por apresentar altos níveis tanto de comunicação e afeto como de controle e exigências de amadurecimento. Os pais permissivos apresentam pouco controle e exigência de amadurecimento, mas muita comunicação e afeto. Pais negligentes não se envolvem e não se esmeram pela exigência nem responsabilidades.

Em relação ao envolvimento dos pais com seus filhos, os pais e mães mais participativos, afetuosos e oralmente sensíveis, que evitam o uso de práticas punitivas e restritivas, colaboram para um melhor desempenho acadêmico de seus filhos. A prática de abusos físicos e certa negligência por parte dos pais caracterizam fortes indicadores de baixo desempenho acadêmico, pois é observado, que o bom desempenho acadêmico está ligado diretamente aos pais autoritários, pois estes se mostram, se aplicam, demonstram grande interesse e

envolvimento nas atividades de seus filhos (HILL; TAYLOR, 2004 *apud* GUIDETTI *et al.*, 2011).

As práticas parentais são formadas por três construtos relevantes, sendo eles: o envolvimento parental; a monitorização parental; e as aspirações parentais (GUIDETTI *et al.*, 2011). Nesse sentido, Christovam e Cia (2013) sugerem que a criança, para se desenvolver, nos vários contextos, como intelectual, emocional e social, deveria participar de forma regular e constante em atividades com uma ou mais pessoas que tivessem mais envolvimento, como os pais, por exemplo.

Nas teorias que incidem sobre a importância do envolvimento parental nos mais diversos contextos da vida da criança, considera-se importante realizar uma investigação sobre o tema, identificando possíveis contribuições da relação mais próxima entre a escola e a família para o desenvolvimento da criança.

Envolvimento parental na educação

Grolnick e Sowiacek (1994) consideram que o interesse no envolvimento parental se originou nas teorias sociológicas que notaram a importância das experiências familiares, especificamente da educação dos pais como explicação de bons resultados acadêmicos das crianças. Nesse sentido, experiências familiares poderiam exercer efeitos diretos na educação e na aprendizagem das crianças. Assim, o envolvimento parental passou a ser reconhecido como a chave para melhorar os resultados acadêmicos das crianças.

Christovam e Cia (2013) definem envolvimento parental:

[...] existem várias definições, no entanto, o termo é utilizado para fazer referência à relação estabelecida entre a família e a escola, entendida como uma parceria efetiva com potencial para ajudar positivamente na escolaridade de seus filhos. O termo parental é utilizado para se referir a toda e qualquer pessoa disponível do núcleo familiar do aluno, e que participe da vida escolar da criança (p. 565).

O relacionamento entre pais e filhos e entre os pais também tem sido apontado como um aspecto importante nos estudos sobre o desenvolvimento infantil. Dentre os aspectos evidenciados nessa categoria, destaca-se o tempo que os pais passam com a criança, a presença de ambos os pais na educação dos filhos e as consequências dos conflitos entre os pais para o desenvolvimento dos filhos, que apresentam tanto situações adversas, que contribuem para a aparição de problemas, como situações positivas, cujo efeito é atenuador (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2007).

Circunstâncias familiares desestabilizadoras podem fragilizar a criança diante das exigências da escolarização. Contudo, da mesma forma que a criança se confronta com novos desafios quando ingressa na vida escolar, cria-se também para as famílias uma nova situação de enfrentamento, pois, de acordo com Fini (2000), amplia-se o leque de relações sociais e os indivíduos se defrontam com uma diversidade de valores e padrões de comportamento, muitas vezes conflitantes.

Lima e Machado (2012) exemplificam que a aprendizagem da criança está associada ao acompanhamento familiar. Algumas escolas vinculam esse apoio sobretudo à supervisão das tarefas de casa. Nessa perspectiva, a tarefa surge como um índice avaliador da participação e envolvimento efetivo da família no processo de ensino e aprendizagem. A realização das atividades propostas para o lar é uma manifestação apropriada do acompanhamento familiar, este indicador aponta que a

família está dando o suporte necessário para que o aluno apresente um reforço domiciliar e com isto facilite a sua aprendizagem.

O conhecimento dos pais sobre si mesmos e sobre o seu papel na aprendizagem dos filhos pode influenciar sua relação com a escola e o desempenho acadêmico de seus filhos, no ponto em que eles acreditam que têm uma importância no ensino dos filhos e podem se envolver com maior propriedade na sua educação. Nesse cenário, torna-se evidente que a família é o tópico mais influente e o mais crítico nas características e das habilidades no desempenho na escola para as crianças. Portanto, as expectativas e as crenças dos pais são fatores importantes de influência no desempenho acadêmico. Entre as crianças que têm o melhor desempenho na escola, se encontram, notoriamente, as de famílias que se envolvem bem mais nos estudos dos seus filhos (GUIDETTI, 2007).

Smith e Strick (2012) acreditam que um ambiente estimulante em casa produz alunos mais adaptados e dispostos à aprendizagem. Defendem que as dificuldades de aprendizagem podem ser causadas por problemas intrínsecos ao aluno, porém a extensão em que esse aluno é afetado, por estas dificuldades, está condicionada ao ambiente em que vive, ou seja, extrínseco ao aluno. Assim, os contextos familiares, escolares e sociais podem afetar sobremaneira os problemas, de forma a agravá-los ou diminuí-los.

Conforme Nogueira (2005), a simbiose entre escola e família é essencial para que a criança tenha um crescimento saudável durante sua infância, de forma que tenha facilidade no aprendizado e no convívio social. A escola pode ajudar a criança a alcançar um desenvolvimento mais eficiente se trabalhar em conjunto com a família,

cada uma tentando entender a forma como a outra trabalha e assim aperfeiçoando-se para o melhor aprendizado da criança.

Segundo Szymanski (2004), para que essa parceria se estabeleça, é preciso que ocorra respeito mútuo, o que realça a confiança e evidência a competência de ambas as partes. Porém, para que isso se realize, é necessário existirem delimitações na função de cada uma das partes. Por um lado, observa-se que muitas famílias encarregam a escola de toda a educação e formação dos seus filhos, desde o ensino das disciplinas específicas até o reconhecimento de valores, a sua formação do caráter, além de atender as carências afetivas que muitas das crianças trazem de casa, esperando que o docente supra essas necessidades. Por outro lado, algumas famílias sentem-se desautorizadas pelo professor, que toma para si tarefas que são da competência da família.

Recursos do ambiente familiar

O *status* socioeconômico é um dos mais abrangentes estudos construtivos nas ciências sociais. Existem várias formas de medi-lo, e várias delas foram propostas no meio acadêmico, mas a maioria inclui a quantificação da renda familiar, do nível de educação dos pais e o *status* ocupacional dos pais. Ele está associado também com a expectativa de vida, com as habilidades cognitivas, sociais e emocionais da criança, com efeitos que vão desde nascimento até a vida adulta (BRADLEY; CORWYN, 2002; GUIDETTI, 2007).

McLoyd (1998) adverte que os efeitos da pobreza são mediados pelas diferenças nos níveis de aprendizagem e estimulação acadêmica e da linguagem que a criança recebe na sua família. Assim, a pobreza,

níveis baixos de educação materna, pouca interação verbal entre pais e filhos, baixa expectativa de escolaridade por parte dos pais, dificuldades afetivas nas relações entre pais e os filhos, estratégias de controle e disciplina deficientes, de condições de vida estressantes no cotidiano que, além de dificultarem a ação educativa dos pais, podem dificultar a vida acadêmica das crianças e adolescentes.

Szymanski (2004) também destaca algumas das maneiras como a pobreza pode alterar o desenvolvimento de crianças, especificamente nas relações conjugais e entre pais e filhos. Além disso, Bradley e Corwyn (2002) alegam que as crianças de famílias com status socioeconômico baixo são menos suscetíveis a viajar, visitar bibliotecas e museus, fazer leitura de livros, ir a peças teatrais ou receber lições sobre habilidades específicas. O acesso a esses tipos de recursos materiais e culturais serve para medir a relação entre status socioeconômico e resultado acadêmico e intelectual da criança, por serem oportunidades de aprendizagem. Já as famílias com elevada situação financeira alcançam melhores recursos para suas crianças em relação à oferta de serviços, bens, ações parentais e conexões sociais, que resultam em benefícios para elas.

A paridade entre o rendimento acadêmico de um aluno e o papel que seus pais desenvolvem na sua educação é cada vez mais estreita. Cabe ressaltar que não só as famílias com pouca disposição ao envolvimento, pouco conhecimento, pouca cultura ou incapazes têm filhos com desempenho acadêmico abaixo da média. Também as outras famílias podem se encontrar nessa situação. Entretanto, nessa hipótese, tem-se uma maior probabilidade de que os problemas sejam tratados com atitudes mais seguras e com respostas mais estáveis de colaboração com a escola.

Lima e Machado (2012), concordando, afirmam que a criança que tem a família por trás apoiando tem apresentado bons índices de aprendizagem. Trata-se de uma família que, de maneira geral, é dotada de recursos econômicos e/ou afetivos, elementos entendidos como essenciais. Essas necessidades dizem respeito à atenção e aos cuidados da família por meio de alguns fatores como: aparência da criança bem como a sua higiene, garantia de uma necessidade de sobrevivência que seria a alimentação e relações familiares equilibradas e cautelosas, isto é, de lares onde os pais e/ou responsáveis convivem e mantêm uma relação harmoniosa.

Assim, esses autores consideram que as características econômicas e/ou emocionais da família influenciam no desempenho acadêmico das crianças, porém destacam que os alunos também têm sua parcela importante nesse processo, pois os que não apresentam mínima estrutura familiar, mas mesmo assim se esmeram em aprender são os maiores exemplos de bons alunos. O inverso também é encontrado, visto que há estudantes que possuem apoio familiar sob todos os aspectos, mas não reproduzem isto em bons resultados e sua aprendizagem fica abaixo da esperada (LIMA; MACHADO, 2012).

Percebe-se que à medida que a criança consegue atender às tarefas escolares, exercendo o papel de aluno, aplicando-se nas avaliações, melhora o seu desempenho. Desperta nela algo como autoestima e principalmente a autoconfiança. Casarin (2007) considera que se forja na criança a capacidade em superar os desafios que se apresentarem no dia a dia, tanto no ambiente escolar ou no ambiente extraescolar, o que contribuirá, fortemente, na busca pelo aprender por si só.

Desempenho acadêmico

O que se apresenta nas escolas, na realidade, no tocante ao desempenho quali-quantitativo e ao comportamento de seus alunos, tem preocupado e promovido uma série de estudos sobre o desempenho escolar. O termo “desempenho acadêmico” leva à indução do sucesso qualitativo e quantitativo do aluno. Quando se trata do desempenho acadêmico referindo-se à formação de um cidadão proativo e consciente de seu papel na sociedade, demonstra-se um comportamento que vai além do conhecimento intelectual (LOPES; VIVALDO, 2007).

O desempenho está relacionado à quantificação do conhecimento do aluno. O conhecimento é transformado em nota, que por sua vez, leva à classificação, seleção e ao controle de comportamento. Muitas vezes a nota não expressa o real desempenho do aluno e nenhuma avaliação consegue abarcar todas as possibilidades de verificação do desempenho (ESTEBAN, 2000).

O bom desempenho acadêmico se refere ao fato de que o aluno, ao concluir as devidas tarefas e as atividades escolares de forma correta, complementarará o processo da aprendizagem, o que é o seu objetivo final. Todavia, é de conhecimento que muitos estudantes dos diferentes níveis do ensino formal apresentam um desempenho escolar muito abaixo do esperado que é longe do ideal. Quando se trata do desempenho acadêmico, devem-se levar em conta os diferentes fatores que se correlacionam e ao mesmo tempo influenciam de forma direta no desempenho dos estudantes (PASTURA; MATTOS; ARAÚJO, 2005).

Faz-se necessária a compreensão sobre o conceito do termo aprendizagem, que pode ser entendido como o rendimento escolar ou desempenho acadêmico. Verifica-se que o rendimento escolar não se

sustenta por meio de notas ou médias, mas por uma sequência de ações que chegam a um aprendizado quali-quantitativo, anexando boas notas ao verdadeiro aprendizado. Com isso, torna-se imprescindível a compreensão, pela família, de que as notas ou médias são consequências do processo e não objetivo fundamental do processo educativo, o que deve ser, de fato, considerado é o esforço despendido e a dedicação do aluno (LOPES; VIVALDO, 2007).

Dentre os fatores mais relevantes, segundo Souza (1997), para que ocorra o processo de aprendizagem, estão as características da escola, da família e do aluno. No primeiro caso, levam-se em consideração as condições físicas e pedagógicas da instituição escolar e dos profissionais que atuam nesse contexto. No segundo, enfatiza-se o nível escolar dos pais e sua presença e participação na aprendizagem dos filhos. Por fim, encontram-se as características pessoais do próprio aluno como motivação, boa autoestima, habilidades sociais, possíveis deficiências nutricionais, entre outros. O desempenho acadêmico só é adequado quando o que o aluno aprendeu em sala de aula se estende e se incorpora a outros conteúdos, previamente aprendidos, e se manifesta, quando avaliado.

Casarin (2007) menciona que, durante a formação da criança, é necessário que todos aqueles que exercem influência sobre ela trabalhem juntos. Esse trabalho em conjunto ajuda em um crescimento intelectual coordenado, sem conflitos entre escola e pais. Quando os pais participam da vida escolar do filho, constroem um indivíduo mais capacitado para a vida em sociedade.

Considerações finais

A família é uma estrutura protetora que desempenha a tarefa de orientar a criança de forma a favorecer o seu crescimento e aprendizagem. No entanto, o que se nota nos últimos tempos, é que as famílias têm delegado essa tarefa para a escola, transferindo a responsabilidade pela construção do conhecimento e formação social dos filhos.

Indo de encontro com o objetivo, este trabalho teve como resultado que existem sim uma relação entre o ambiente familiar e o desempenho acadêmico. Ficou constatado também que o envolvimento dos pais na educação e no cuidado dos filhos, como os recursos econômicos das famílias interferem no desenvolvimento acadêmico das crianças. Diante disso, é importante frisar que o maior uso de práticas educativas parentais de envolvimento são significativos para o melhor desempenho acadêmico das crianças. Os resultados aqui revelados apontam para a necessidade de se estabelecer mais diálogos e participação da família, proporcionando sempre que possível atividades educativas e culturais para auxiliar no desempenho acadêmico das crianças.

Abstract

The nuclear family is of vital importance to the development of the child, is the first environment that fits with their relations to be established as a prototype for relations in the world. However, theoretical reports clarify that the home environment can be a rich source of resources for healthy development, acting as a protective framework for children to deal with their difficulties. Thus, increasingly, experimental studies have focused on the study of family environment related to aspects of the child's school life. Therefore, in this context, this study aims to analyze the material and human resources of the

family environment and verify that there is some interference in academic performance. For that this research was based on a dense literature, in order to gather information already produced by renowned authors in the education sector. As a result of the research, was able to conclude that this study shows a clear correlation between the resources of the family environment and academic performance; thus, knowledge of new elements to analyze the link between the family environment and the child's learning.

Key-words: Family-friendly; Academic achievement; Parental involvement.

Referências

BAIÃO, C. F. **Aliança parental e estilos parentais em famílias com e sem crianças autistas**. 2008. 67 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Portugal, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/733/1/17398_Monografia_d_e_C.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2015.

BRADLEY, R. H.; CORWYN, R. F. Socioeconomic status and child development. **Annual Review of Psychology**, [S.l], v. 53, p. 371-399, fev., 2002. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11752490>>. Acesso em: 15 maio 2015.

BRASIL. **Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 30 jun. 2015.

CASARIN, N. E. F. **Família e aprendizagem escolar**. 2007. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Faculdade de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/24/TDE-2007-04-12T143957Z-499/Publico/389091.pdf>. Acesso em: 10 maio 2015.

CHRISTOVAM, A. C. C.; CIA, F. O envolvimento parental na visão de pais e professores de alunos com necessidades educacionais especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 19, n. 4, p. 563-582, out./dez., 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382013000400007>. Acesso em: 28 mar. 2015.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Alínea Editora, 2007.

ESTEBAN, M. T. Exigências democráticas/exigências pedagógicas: avaliação. **Tecnologia Educacional**, [S.l.], v. 29, n. 148, p. 3-6, 2000.

FINI, L. D. T. Relações entre pais e adolescentes. Em: SISTO, F. F.; OLIVEIRA, G. C.; FINI, L. D. T. (Orgs.), **Leituras de psicologia para a formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 163-176.

GALLART, I. S. A organização social da educação: práticas educativas e desenvolvimento humano. In: COLL, C. (Org.). **Psicologia da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GROLNICK, W. S.; SLOWIACZEK, M. L. Parent's involvement in children's schooling: a multidimensional conceptualization and motivational model. **Child Development**, Worcester, v. 65, p. 237-252, 1994. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/227687012_Parents'_Involvement_in_Children's_Schooling_A_Multidimensional_Conceptualization_and_Motivational_Model>. Acesso em: 10 jun. 2015.

GUIDETTI, A. A. **Ambiente familiar e desempenho acadêmico de crianças do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

_____. *et al.* Estilos parentais e dificuldades de aprendizagem na escrita: análises de suas correlações. In: CAPOVILLA, F. C. (Org.). **Transtornos de aprendizagem: processos em avaliação e intervenção preventiva e remediativa**. 2.ed. São Paulo: Memnon, 2011.

KALOUSTIAN, M. T. **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 1988.

LIMA, A. M.; MACHADO, L. B. O “bom aluno” nas representações sociais de professoras: o impacto da dimensão familiar. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 150-159, jan./abr., 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000100017>. Acesso em: 16 abr. 2015.

LOPES, A.; VIVALDO, L. **A influência da família no rendimento escolar do indivíduo**, 2007. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/familiaerendimento.asp>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

MACEDO, R. M. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 62-68, 1994. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/788.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

MARTURANO, E. M. O inventário de recursos do ambiente familiar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 19, p. 498-506, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722006000300019&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 mar. 2015.

MCLOYD, V. C. Socioeconomic disadvantage and child development. **American Psychologist**, [S.l.], v. 53, n. 2, p. 185-204, feb., 1998. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9491747>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

NOGUEIRA, M. A. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. **Análise Social**, Lisboa, n. 176, out. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732005000400005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2015.

_____. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, n. 31, p. 155-170, 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6850>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

PASTURA, G. M. C.; MATTOS, P.; ARAÚJO, A. P. Q. C. Desempenho escolar e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. **Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 32, p. 324-329, 2005. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:OisEBg7Mc7QJ:www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol32/n6/324.html+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

Júlio Antônio Moreira Gomes
Universidade do Vale do Sapucaí/UNIVAS

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A - Z**: guia completo para educadores e pais. São Paulo: Penso, 2012.

SOUZA, C. P. Avaliação do rendimento escolar: sedimentação de significados. In: _____. (Org.). **Avaliação do rendimento escolar**. 6.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

SZYMANSKI, H. **A relação escola/família**: desafios e perspectivas. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 21, n. 2, p. 5-16, maio/ago., 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n2/a01v21n2.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

Recebido em: 17/11/2015

Aprovado em: 01/03/2016